

Cerâmica e Alimento: articulando entre-lugares na Escola EPA

Ceramics and Food: articulating between-places for EPA School

Artigo completo submetido a 5 de maio de 2019

Resumo:

O artigo reflete sobre o Projeto Cerâmica e Alimento (2017) desenvolvido junto a Escola Municipal Porto Alegre, destinada a pessoas em situação de rua, e cuja metodologia de ensino está baseada em Paulo Freire. O projeto realizado a partir de um processo de colaboração/participação teve sua práxis fundamentada em três princípios ligados ao pensamento do educador: autonomia, colaboração e contexto.

Palavras chave: *colaboração, EPA, educação, Paulo Freire, vulnerabilidade social*

Abstract:

The article reflects on the Ceramics and Food Project (2017) developed with the Municipal School Porto Alegre, aimed at street people, whose teaching methodology is based on Paulo Freire. The project, based on a collaboration / participation process, had its praxis based on three principles related to the educator's thinking: autonomy, collaboration and context.

Keywords: *collaboration, EPA, education, Paulo Freire, social vulnerability*

Introdução

Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

O presente artigo aborda uma experiência em arte participativa realizada junto a uma das duas únicas escolas públicas brasileiras dedicadas a pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica, a Escola Municipal Porto Alegre (EPA), criada em 1995 (Figura 1). Neste contexto educativo bastante particular, foi desenvolvido, durante

o segundo semestre de 2017, o projeto sobre o qual versaremos a seguir, intitulado: *Cerâmica e Alimento*.



Figura 1. Imagem da Escola Porto Alegre. <https://www.sul21.com.br/cidades/2015/09/frente-parlamentar-vai-a-epa-e-ve-rotina-de-acolhimento-em-escola-que-a-prefeitura-pretende-fechar/>. Foto: Caroline Ferraz/Sul21

A EPA poderia ser percebida, à primeira vista, como uma escola igual às demais, pertencentes à rede pública municipal de Porto Alegre, mas basta aproximar-se um pouco para entender as especificidades deste lugar, especialmente se observarmos o público ao qual a escola se direciona. A maioria dos 115 alunos que frequenta a escola vive em situação de miséria e tem as ruas, os parques e os viadutos como morada, estando expostos a toda espécie de agruras que o viver no espaço público de uma cidade de 1,5 milhões de pessoas supõe (Figura 2). A escola não é um lugar separado do mundo que a cerca. Neste sentido, a pesquisadora Marcia Gil Rosa afirma que “*a dinâmica da rua, com seus tempos e normas próprias, adentra o espaço institucional e torna esse ambiente escolar um serviço de alta complexidade*”. (Rosa, 2008: 14)



Figura 2. Imagem de moradores de rua de Porto Alegre, 2017. Fonte: <https://www.sul21.com.br/cidades/2017/03/populacao-em-situacao-de-rua-denuncia-sucateamento-da-assistencia-social-em-porto-alegre/>

Ao entrarmos em contato com um contexto tão particular, a primeira pergunta que fizemos como educadoras foi: como pensar a educação quando trabalhamos com alunos que vivem em condições de vulnerabilidade social? Tal pergunta torna-se ainda mais desafiadora no atual panorama político-social brasileiro, marcado pela violência e pelo preconceito, principalmente em relação à pessoa em situação de rua.

Considerando esta realidade, é possível afirmar que os projetos de média e larga duração realizados na EPA estão sempre em situação instável. Esta instabilidade se dá a partir de uma série de fatores. O primeiro deles é a sempre iminente condição de fechamento das escolas direcionadas ao público em vulnerabilidade social, por serem consideradas improdutivas pela ótica neoliberal.

Também requerem atenção principalmente os fatores humanos, aqueles que dizem respeito à própria condição de impermanência dos alunos. Nem mesmo nas ruas estas pessoas têm seu espaço garantido, o qual as obriga a estarem sempre em mobilidade. Migrando de um espaço a outro da cidade, os alunos distanciam-se tanto da escola a ponto de não ser possível realizar os deslocamentos diários necessários para frequentá-la. Outro fator de grande impacto na vida dos alunos e que repercute na dinâmica da escola, está relacionado à má alimentação e precárias condições de higiene. Os estudantes são facilmente acometidos de doenças que, sem o tratamento adequado, podem levar ao óbito, como foi o caso da aluna Sthefany (Figura 3). Como afirma Rosa:

“ sem condições mínimas de saúde e proteção atendidas, o estudante da EPA não tem capacidade de permanecer em sala de aula nem de aprender. Por esse motivo, a escola obrigou-se a exercer esses papéis sem, contudo, deixar de (sempre que possível) estar apontando as lacunas ”. (Rosa, 2008, 16)

A partir deste panorama, pode-se perceber a complexidade que é trabalhar na EPA. Muito além das atividades em sala de aula, esta escola é um lugar onde os alunos podem

tomar banho e se alimentar, encontrar apoio jurídico e ser encaminhados para assistência médica.



Figura 3. Aluna Stephany da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), 2018. Falecida em 28/02/2018. Fonte: própria.

Para suprir as demandas específicas deste contexto, a escola realiza diversas parcerias com setores da sociedade e foi neste âmbito de trocas que *Cerâmica e Alimento* foi realizado. No site da EPA fica explicitada a importância destas parcerias entre a escola e a sociedade como um todo:

São estas parcerias, com ações emancipatórias, que contribuem para o enfrentamento dos importantes problemas sociais de nossos tempos, conjugando subsídios teóricos e práticos com tolerância, acolhimento, diálogo, afeto, trabalho coletivo, incremento da sociabilidade e valorização dos participantes como protagonistas, de forma que o jovem perceba o seu valor enquanto cidadão. (EPA: 2018)

O que nos moveu a propor um projeto em um contexto tão singular? A resposta está relacionada ao profundo respeito pelo trabalho de 22 anos da EPA e pela instituição ser um símbolo de resistência em um cenário político-social no qual suas atividades são pouco valorizadas. Foi o desejo de aproximar-nos de quem mantém a escola resistindo ao pensamento que entende a educação e o humano como uma mercadoria que levou o grupo de trabalho que participou do *Cerâmica e Alimento* em direção à EPA.

1. *Cerâmica e alimento* na EPA e seus fundamentos pedagógicos

O projeto *Cerâmica e Alimento* ocorreu em 2017, e constituiu-se em encontros semanais realizados na sala de cerâmica da escola envolvendo professores e alunos da EPA, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e artistas convidados externos para a produção de pequenos potes de cerâmica (Figura 4).



Figura 4. Oficina de Cerâmica na Escola Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), 2018. Fonte: própria.

Os participantes, com diferentes níveis de conhecimento em relação a técnica cerâmica, criaram, a partir de sua sensibilidade e das trocas estabelecidas em cada encontro, um pote para servir alimento. Concomitante às oficinas, no pátio da escola foi recuperado um forno de barro para queimas artesanais (Figura 5). Ao final de quatro meses de processo de trabalho, foi realizado um almoço coletivo aberto à comunidade porto-alegrense (Figura 6).

Na preparação do almoço atuaram profissionais da própria EPA e cozinheiros convidados externos à escola. Parte da refeição foi servida nos potes de cerâmica feitos no projeto, os quais puderam ser adquiridos pelos participantes que acudiram ao evento e

cuja arrecadação foi destinada aos alunos da EPA e à recuperação de um forno elétrico para queima cerâmica existente na escola.



Figura 5. Reforma do forno na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), 2018.

Fonte: própria.



Figura 6. Evento final com almoço e comercialização dos potes feitos durante as Oficinas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), 2018. Fonte: própria.

O desenvolvimento do projeto buscou estar em consonância com a pedagogia pela qual a EPA pauta seu ensino (Figura 7). O coordenador pedagógico da EPA, professor Renato Farias, em sua dissertação de mestrado a respeito das premissas da escola, indica:

... a percepção da escola como espaço para aprendizagem da coletividade, da democracia, da solidariedade e da autogestão de si e de seu processo produtivo, sempre pela via do reconhecimento das habilidades positivas e da prática como princípio para teorização. (Farias, 2014:18).



Figura 7. Mapa do projeto pedagógico da EPA, em construção. Fonte: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/pedagogico.html>

A EPA é uma das instituições brasileiras cuja proposta de ensino tem na pedagogia freireana uma referência importante para fomentar a emancipação pessoal e social de seus alunos. O filósofo Paulo Freire nasceu em 1921, na cidade do Recife, Brasil (Figura8). Reconhecido por ter criado um método inovador no ensino da alfabetização voltado à educação de jovens e adultos, devido à sua atuação política, Freire foi perseguido pela ditadura militar brasileira e, durante 16 anos ficou fora do país vivendo como exilado político no Chile e na Suíça, de onde retornou em 1989.

A importância da contribuição do pensamento de Freire foi reconhecida publicamente, especialmente em contextos internacionais, mediante a atribuição de vários prêmios, dentre os quais Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento (Bélgica, 1980), Prêmio UNESCO da Educação para a Paz (1986) e Prêmio Andres Belloda Organização dos Estados Americanos, como Educador do Continente (1992). Seu pensamento influenciou a construção de metodologias de ensino de muitas escolas no Brasil e no exterior como, por exemplo a Escola da Ponte, referência na educação portuguesa.

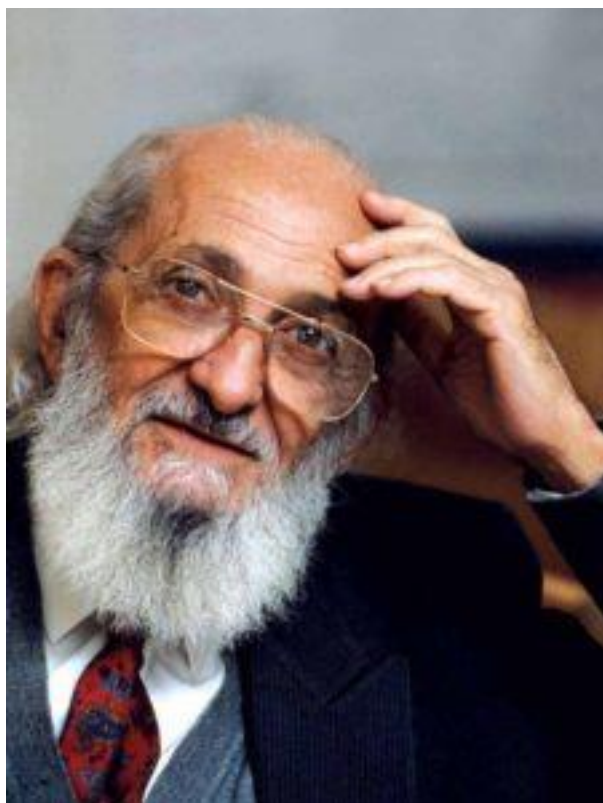


Figura 8. Paulo Freire (1921 —1997) foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro Fonte: <https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/paulo-freire/>

A proposta efetivada na EPA, buscou aproximar-se das categorias educacionais freirianas da prática dialógica, da conscientização, e da transformação em um contexto específico. Projetamos com a prática educativa estimular o desenvolvimento de um processo compartilhado de aprendizado e de aperfeiçoamento da técnica da cerâmica a partir da interação entre alunos e professores da EPA, comunidade acadêmica (alunos e professores oriundos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e artistas porto-alegrenses (Figuras 9 e 10)



Figura 9. Imagem da Oficina de Cerâmica na Escola Porto Alegre -EPA, 2018. Fonte: própria.



Figura 10. Imagem da Oficina de Cerâmica na Escola Porto Alegre -EPA, 2018. Fonte: própria.

Em consonância com a metodologia de trabalho da escola, o projeto *Cerâmica e Alimento* teve sua práxis fundamentada especialmente em três princípios propostos por Paulo Freire: **autonomia, colaboração e contexto**.

Freire propôs uma pedagogia na qual alunos e professores são protagonistas e contribuem em igual medida na construção do processo educativo, participando e colaborando ativamente nas relações que se dão no cotidiano escolar. Ao construirmos espaço para que decisões artísticas, estéticas, resultados e possibilidades do trabalho realizado fossem tomadas conjuntamente, viabilizamos a participação e a contribuição mediante as especificidades dos contextos de vida de todos os participantes. Assim, foi a partir da realidade de cada aluno que se estabeleceram os vínculos necessários para a criação de espaços de fala e de escuta.

Essencial no processo do trabalho gerado foi o enfoque na linguagem como a possibilidade de aproximar palavras e ideias da realidade vivida pelos estudantes, problematizando, discutindo as diferenças de significados, exercendo o “respeito aos saberes do educando” (Freire, 1997: 33) e praticando a constante troca destes saberes entre os estudantes e os professores. Assim, a relação dialógica entre docentes e discentes se fez sempre presente pois entendemos a partir de Freire que “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a sua construção” (Freire, 1998: 25).

Percebemos que o processo criativo estabelecido em *Cerâmica e Alimento*, a partir formação de elos relacionais entre a EPA e a comunidade externa à escola, contém uma dimensão pedagógica importante, ativada pela possibilidade de troca de posições para criar um espaço no qual todos ensinam e todos aprendem, se alimentam juntos de uma comida, em um pote feitos com cuidado. Ou seja, estabeleceu-se uma relação a partir de um processo participativo tendo como base a prática artística que encaminhou a uma interdependência entre os participantes em todo o processo, desde o fazer dos potes até o cozinhar, organizar a refeição e saborear o alimento.

Conclusão

Durante o período de trabalho na EPA mais perguntas foram surgindo: como estabelecer parâmetros para “medir” a efetividade de um processo educativo? O que é ser efetivo na educação quando não é possível trabalhar com a noção de um porvir, de um “amanhã”? E, neste sentido, aprender para quê? Qual a validade da escola em um contexto

como o da atualidade brasileira, no qual muitas vezes se busca homogeneizar e excluir a participação dos estudantes e professores nas políticas educacionais? No caso da EPA, se faz educação para que uma parcela significativa da população brasileira (que vem crescendo enormemente ao longo de décadas), possa ter acesso à um ambiente no qual sejam reconhecidos em sua humanidade e possam participar ativamente da sociedade, contribuindo, a partir de suas especificidades e saberes.

O presente artigo conduziu à reflexão sobre a prática do professor de artes em uma escola diferenciada, que conta com alunos em extrema vulnerabilidade social, a partir de um contexto de participação. A arte participativa, colaborativa, mescla os lugares de artista, de espectador, de autor, do objeto de arte e da relação estreita entre arte e vida. Os processos participativos criam possibilidades de manifestação artística com o resgate de sensibilidades, aptidões para compreender e estar em uma sociedade marcada por injustiças. Ao elaborarmos o projeto desenvolvido na EPA enfrentamos questionamentos de ordem teórico-prática no que concerne ao ensinamento propriamente dito das artes com ênfase nos alunos em extrema vulnerabilidade social. Interrogações estão presentes na docência em geral, mas no ambiente diferenciado da Escola Porto Alegre, as respostas não vêm facilmente.

No contexto escolar (e especialmente no atual contexto brasileiro) os riscos de uma educação artística destituída de reflexões pedagógicas libertadoras, muitas vezes, esvazia a prática, resultando em uma educação artística escolar limitada aos aspectos formalistas, desconectados frequentemente de realidades político-sociais. Hoje enfrentamos além dos obstáculos comuns à educação, reverses que demandam ao educador priorizar a participação para que alunos e professores possam ser ativos no projeto educacional.

As demandas pertinentes ao educador em artes no que se refere às metodologias, às competências, às aproximações sociais estão em constante mudança advindas das novas tecnologias, das transformações estéticas, das demandas globais, por exemplo: responsabilidade urgente com a ecologia, atenção às diferenças, inclusão, comprometimento com uma crítica social. Nesse passo, a preparação do docente para o ensino das artes busca acompanhar as alterações no campo social, econômico, político, ético, mas, por consequência, desassossega a produção artística, altera a recepção da arte,

reformula o que entendemos por arte, atualiza o que pensamos sobre quando (e onde) a arte acontece.

A experiência desenvolvida durante quatro meses na EPA, extrapolou o espaço da sala de cerâmica da escola e estendeu-se para os ambientes de cozinha, refeitório, pátio envolvendo também a comunidade externa (vizinhos do bairro, amigos dos participantes etc), ampliando e enriquecendo as possibilidades de troca e de interação entre os participantes.

Educar na Escola Porto Alegre, considerando o contexto no qual encontram-se inseridos seus alunos, é tarefa árdua, é lidar com a insolvência, com o fracasso. A EPA é um **lugar entre** um mundo árido e um espaço onde os alunos podem respirar, se sentir seguros e respeitados, onde podem cuidar de sua saúde, tomar banho, lavar suas roupas e se alimentar. Talvez esse deva ser o papel da escola no contexto brasileiro atual: ampliar os espaços de convívio e de acolhimento por meio do respeito às diferenças, ao mesmo tempo em que constrói conhecimentos e valoriza saberes. Esse é um grande desafio com o qual a arte pode contribuir a partir da lógica do prazer criador.

Referências:

- dos Santos, Renato Farias. (2017) O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do núcleo de trabalho educativo da EPA. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação - Programa de Pós-graduação em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- EPA. *Site da escola*. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>
Consultada em: 20 de abril de 2018.
- Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra. ISSN: 1983-9030.
- Freire, Paulo (1997). *Ação cultural para a liberdade*. 2a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Icle, Gilberto (org). (2012) *Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. ISBN: 9788538601739
- Santos, Boaventura de Sousa (2007) *Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*, *Novos Estudos Cebrap* 79, novembro (71-94). São Paulo. ISSN 0101-3300
- Rosa, Marcia Gil. (2008) *A Gestão de uma Escola Especializada no Atendimento de Adolescentes e Jovens com trajetória de vida nas ruas*. Faculdade IBGN. MBA em Gestão Pública. Disponível online em: